
IMPLANTAÇÃO DE MINIVILAS OLÍMPICAS EM BAIRROS DA PERIFERIA

AZIZ AB'SÁBER

Geógrafo, Professor da USP. Foi presidente da SBPC e do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico e Arqueológico do Estado de São Paulo

Resumo: Face as condições socioeconômicas que aguçam a carência e a pobreza, torna-se necessário e urgente a implantação de projetos para atender a população excluída. Nesse sentido, este artigo expõe um pequeno (para ser imediatamente viável) projeto social baseado em “minivilas olímpicas”, para compor clubes e espaços comunitários.

Palavras-chave: urbanismo e exclusão; intervenção social; espaços comunitários.

Nunca foi tão necessário e urgente trabalhar no terreno das idéias para atender aos que permanecem excluídos da sociedade autodenominada moderna. Para as elites insensíveis à carência e à pobreza, não existe interesse em pensar no destino e nos problemas dos pobres e carentes. Não aprenderam ainda – ao fim do segundo milênio – aquela lição profundamente humana e cristã que diz: “ninguém pode escolher o lugar, o ventre e a condição socioeconômica que garanta a sua trajetória na sociedade”. A realidade biológica irreversível conduz as crianças e os adolescentes aos mais variados roteiros de vida: uns são filhos privilegiados de poderosos de todos os naipes ou de famílias ceudaliformes; outros, nasceram e cresceram no meio de comunidades rurais e urbanas e selváticas marginalizadas e desentendidas.

Em face desta conjuntura dramática, governantes e demagogos tradicionais alegam sempre a falta de recursos e a ausência de parceiros, quando o problema não reside só nisso, mas diz respeito também à míngua de conhecimentos, idéias e vontade política. Fazem-se referências à pobreza em uma atmosfera de descompromisso e ocasionalidade. Repetem-se generalidades. Elaboram-se o mapa da pobreza. E, por fim, fica-se no beco da impotência e do esquecimento. É certo e claro que se trata do maior problema de um país de grande volume de população, projetado por diferentes espaços de um território de escala continental. Mais uma razão para que governantes

e cientistas, ao lado de pessoas esclarecidas e religiosos diferenciados, ponham mãos à obra, para pensar com seriedade centenas ou milhares de estratégias para modificar essa conjuntura de desigualdades somadas, a partir de propostas bem meditadas por mais simples que sejam, desde que viáveis e úteis e, sobretudo, provocadoras de acréscimos e efeitos multiplicadores.

Dentro desse espírito, no presente caso, expõe-se um pequeno projeto social que deve ser entendido como um entre milhares, que outros têm a obrigação de elaborar. Não faz mal algum que nos sejam endereçadas opiniões contrárias, críticas inconsistentes ou contrapropostas mal-aperfeiçoadas. Mesmo porque, das críticas raivosas ou ciumentas, ainda se pode tirar acréscimos complementares aproveitáveis. Não é necessário também preservar o nome original que se deu aos projetos. Não é pelo nome que um projeto pode ter valor, mas sobretudo por seus objetivos, sua significância social ou psicossocial, e sua capacidade de reprodução e atendimento múltiplo e democrático. Nosso projeto de “minivilas olímpicas” poderia ser chamado de “clubes da comunidade”, “centro cultural de apoio”, “espaço cultural de lazer”. O que mais interessa nele é a vinculação e a capacidade de despertar a auto-estima da comunidade, opondo-se ao permanente distanciamento e lerdeza da burocracia onipotente.

As oportunidades de lazer que as populações das periferias possuem são tão exíguas e deploráveis que nos obri-

garam a uma incursão demorada sobre o seu mundo real. Na realidade, a idéia de realizar uma campanha pública a favor de *Minivilas Olímpicas* consolidou-se em função de uma (re)visita meditada sobre o cotidiano do homem e das famílias, nas margens esquecidas de uma região metropolitana submetida a um perverso subdesenvolvimento. Os resultados dessas observações deixaram alguns *flashes* a serem considerados por todo um conjunto de cidadãos.

Sem emprego e sem dinheiro, a maior parte da população periférica não tem condições de participar dos espaços abertos da metrópole central, sendo que a metrópole intermediária — em diversos sentidos tão dinâmica — não possui infra-estrutura minimamente adaptáveis às expectativas dos jovens e adultos moradores de periferias carentes. Nessa conjuntura, plena de limitações, as comunidades pobres se sentem enclausuradas e impotentes. Aos sábados e domingos — os dias mais importantes para os jovens desterrados da periferia urbana —, utilizam-se pequenas glebas, ocasionalmente vazias, para treinos e jogos, limitados ao mais popular dos esportes praticados no Brasil.

Os espaços dessas práticas, na maior parte dos casos, são os terrenos de fundo de vales, ainda não ocupados, pertencentes ao(s) município(s), ou a particulares ansiosos por mercadejar seus terrenos periféricos, indiferentes às restrições de uso no eixo desarranjado dos pequeninos cursos d'água. Agora, o antigo riacho meandroso ficou na categoria popular de águas espriadas, perdendo fluxos por meses devido à urbanização caótica. Nesses fundos de vales ou em terraços artificiais talhados nas colinas e vendidos a preços aviltados por prefeitos bisonhos, existem os únicos espaços factíveis para o esporte preferido dos jovens. Espaços de disponibilidade temporária, a qualquer hora sujeitos à construção de fábricas ou galpões, ou loteados para a obtenção de lucros fáceis e garantidos.

Em alguns casos, formam-se grupos de espectadores curiosos em observar o desempenho de alguns jogadores que cedo se destacam. Quando começam aparecer barrquinhas de petiscos baratos e venda de refrigerantes, as autoridades deveriam se alertar sobre o fato de que ali existe um *Embrião de Minivila Olímpica*.

Conviria logo comprar, readquirir ou desapropriar o aludido terreno, com vistas à implantação progressiva, sob projetos em módulos de um espaço público polivalente, de elevado interesse comunitário. É possível pensar que *Minivilas Olímpicas*, que venham a ser implantadas — em repique — nos mais diferentes e fatíveis terrenos pré-identificados pelos jovens, possam se constituir em com-

ponente da transformação social e cultural de importantes setores das imensas periferias de São Paulo, representando um exemplo a ser seguido por outras grandes cidades do país. Não se pode pensar, entretanto, apenas no projeto construtivo caro e limitador. O principal — a essência mesma do projeto — deve estar voltado para o cultural e a conquista da cidadania. Pensamos em uma *Minivila Olímpica* que se desdobra em uma festa semanal das comunidades do entorno. Um ponto de encontro em que as mães estejam mais próximas de seus filhos, protegendo-os em relação ao manhoso aliciamento por narcotraficantes. Um espaço preferencial dos sábados e domingos, que seja capaz de retirar os pais adultos das margens dos balcões dos bares e restaurantes, onde apenas existe a possibilidade de tomar a sua cervejinha tradicional.

Um lugar de desdobramento de práticas esportivas, interessando às diversas preferências da comunidade, sobretudo dos jovens. Uma área de maior abrangência esportiva, voltada para o futebol, voleibol, basquete, incluindo espaços para corridas, passeios em trilhas. Talvez um dia, a piscina; mais de imediato, a “Escola de Capoeira”, o coral e o Teatrinho Comunitário. E a oportunidade de alguns iniciarem a discussão dos problemas de seu bairro, exigirem a atenção dos poderes públicos e implantarem *centros de alfabetização de adultos*. Acrescentando inovações educativas informais, paralelas ao ensino público informal, tão degenerado e insuficiente culturalmente falando, ainda que com muitas e raras exceções, num processo crescente e desdobrativo em que se dê respaldo e melhor categoria às rádios comunitárias; em que se faça um efetivo combate à violência e aos valores negativos da condição humana. Enfim, um feixe de objetivos que realizem a passagem de uma *Minivila Olímpica* em um rústico, porém funcional, *Clube da Comunidade* periférica e, sobretudo, em um *Centro de Defesa da Democracia*.

Para tornar possível a implantação de uma *Minivila Olímpica*, é necessário começar pela identificação dos diferentes tipos de terrenos vazios onde crianças e, principalmente, os adolescentes praticam futebol nos feriados ou fins-de-semana. Cada terreno observado possui uma conformação diferente ou similar, obrigando a ligeiras adaptações dos projetos. Para que sejam viáveis, estes projetos precisam ser modulares e de implantação progressiva. Pelo menos em sua fase inicial, independentemente de melhorias futuras, pressupõem-se pequenos projetos, simbólicos e de baixo custo, para não dizer de baixíssimo custo.

Tratando-se de terrenos vazios, de meio a dois ou três hectares, pensa-se em uma seqüência de implantações.

Primeiramente, um tratamento linear do entorno, marcado por três a seis palmeiras imperiais, nos quadrantes extremos do terreno, sob espaçamento de oito metros. No canto mais próximo das moradias dos pais, deve-se estabelecer um pequeno Rancho das Crianças – “Ranchinho da Cultura” –, incluindo bancos laterais e mesas para exercícios de desenhos, concurso de redações, por mais singelas que sejam, além de um “Baú de Livros” infantis, pré-selecionados e atraentes. Alguém da comunidade se encarregará de distribuir pranchetinhas e papel para os exercícios de desenhos e modestos concursos de redações, ou listagem dos problemas de seu bairro, segundo a ótica de cada um. Os recursos necessários para construir o “Ranchinho da Cultura” correspondem a apenas algumas centenas de reais ou por um esforço costumeiro da auto-gestão comunitária (Mutirão da Cidadania).

Os outros componentes do embrião de uma *Minivila Olímpica* constituem-se em dois ranchos mais amplos, a serem implantados em sítios ligeiramente mais elevados, para que se possa ter uma visão mais abrangente do espaço total. Um desses ranchos deve ser dedicado à presença das mães, a fim de que elas possam ficar mais próximas de seus filhos em uma área de lazer organizado. O outro compreende um espaço destinado a adolescentes, para ser utilizado em dias de chuva, ou para descanso entre as práticas esportivas. Próximo dos edifícios rústicos, devem ser instalados sanitários femininos e masculinos, de uma aprimorada qualidade e asseio, sob uma certa vigilância comunitária. Dois anexos devem funcionar como vestiários decentes para os esportistas.

Nessa idealização para a fase inicial das *Minivilas Olímpicas*, pode-se pressupor doações de pessoas esclarecidas e sensíveis: fogões, pratos e talheres para a cozinha comunitária semanal ou quinzenal no pequeno pavilhão das mães; refrigeradores usados; livros e cartilhas para o chamado “Baú de Livros” para crianças e adolescentes; materiais para as diferentes atividades esportivas (bolas, raquetes, redes, faixas demarcadoras coloridas); banquetas para os principais edifícios das *Minivilas Olímpicas*; entre outros equipamentos funcionais, indispensáveis e prioritários. Daí porque um compartimento fechado, relativamente pequeno, no rancho das mães e outro no rancho dos adolescentes. O tempo se encarregará de implantar o palanque do teatrinho popular, enquanto a Escola de Capoeira permaneça no rancho dos adolescentes, segundo dias e horários preestabelecidos. E assim, um dia, chegará a vez de uma piscina, no momento em que as *Minivilas Olímpicas*, dirigidas por comunidades de moradores (Associa-

ções Comunitárias), venham a se transformar em ativos Clubes das Comunidades da Periferia. Nenhuma objeção a modificações e acréscimos de funções e atividades na trajetória de cada *Minivila Olímpica*. O que está acima de tudo é a constituição de um novo e atraente patrimônio da comunidade, capaz de dignificar crianças, adolescentes e adultos na utilização de valores culturais mais nobres de uma rica cultura popular.

Deve-se esclarecer, nesse sentido, que nos inspiramos muito nas atividades desenvolvidas em alguns pátios escolares, incluindo-se nisso a força de que é dotada a merenda em termos de uma alimentação mínima para as crianças carentes. Nossa proposta, porém, procura atender ao imenso volume da população pobre periférica, assim como melhorar e incentivar as iniciativas que partiram dos próprios adolescentes que elegeram as práticas esportivas como uma de suas preferências essenciais.

No que se refere à educação, o problema é mais amplo e complexo. Os pátios das escolas, por menor que fossem (e alguns são relativamente grandes) deveriam receber oficinas de diversas naturezas, na condição de treinamento para conhecimentos técnicos modernizantes, capazes de facilitar e qualificar os menores na sua futura inserção profissional e socioeconômica. Mesmo porque, o melhor tratamento que se possa dar à educação, em um país de escala continental e de sociedade extremamente desigual, será aquele que se apóie em três blocos potencializadores e indutores: a recuperação seletiva do conhecimento acumulado; o esforço permanente para abranger a regionalidade física, ecológica, social e cultural da área de vivência do alunado; e um conjunto de “oficinas” para treinamento e identificação de vocações.

Uma escolha variável caso a caso e, sobretudo, de região para região. Computação, quase sempre. Na beiramar, oficinas para feitura de um barco, rede de pesca, um aquário significativo, culminando com ensinamentos sobre a engrenagem e o funcionamento de um motor de popa. Uma oficina para culinária nutritiva, através de gastos mínimos. Outra, para o bom uso das águas e precauções para evitar a poluição hídrica. Uma oficina para que as enfermeiras residentes na região expliquem e realizem medidas de pressão, índices de glicemia, importância diferencial dos alimentos. Em muitos casos, uma oficina do tipo da Caixa Econômica, para que os meninos premiados por suas notas e educação tenham um dinheirinho quando terminarem seus cursos. No mesmo local, um rol de pequenos equipamentos escolares, a preço de custo: canetas, lápis de cores, cadernos e papéis brancos, régua, cola,

borrachas ou corretores, pranchetinhas para desenhos e exercícios. Oficinas para o desenvolvimento da arte de fazer maquete: a maquete da escola, a maquete ideal de uma *Minivila Olímpica*, a planta de uma casa “dos meus sonhos”. A oficina do recorte e classificação de artigos e notícias de jornais, com a (re)leitura crítica semanal para os interessados.

Enfim, oficinas selecionadas, entre muitas e muitas idéias, para um aprendizado que paralise e diminua a formalidade da escola tradicional. Tudo com a ajuda voluntária e graciosa de alguns missionários da nacionalidade. Estratégias simples para a verdadeira construção da cidadania.

A viabilidade da proposição de um novo tipo de parque distrital, adaptada às áreas metropolitanas periféricas, é um fato absolutamente incontestável, desde que se adotem estratégias factíveis, como algumas detalhadas no presente artigo. Às vésperas de eleições municipais, é possível comprometer partidos e candidatos com a idéia mestra de uma campanha por *Minivilas Olímpicas*, já que

a Região Metropolitana de São Paulo comporta mais de três dezenas de municípios, alguns dos quais dotados de amplas, densas e violentas periferias. Seria ideal que o Master Plan (Plano Mestre) das *Minivilas Olímpicas* fosse realizado por uma instituição pública de abrangência metropolitana, ativa, antiburocrática e disposta a discutir idéias. Na lamentável ausência de um órgão metropolitano dotado de inteligência e poder, a campanha por uma rede de *Minivilas Olímpicas* tem de seguir outras trajetórias, bem mais lentas e frágeis.

O detalhamento aqui realizado, na categoria de pré-projeto e tendo por base uma área piloto em teste, constitui um apelo aos cidadãos sensíveis e de bom senso voltados para o social, no contexto do desenvolvimento desigual.

Talvez outros tenham idéias e projetos diferentes e de implantação mais rápida e menos sofrida. Tanto melhor! Alegarão outros – com evidente superficialidade – que seria melhor abrir o pátio das escolas municipais e estaduais para uma clientela mais diversificada.